

Fragmentos da quotidiana loucura



A Lua vem da Ásia, com Chico Diaz, tem sessão dupla amanhã na Incrível Almadense: às 15h e às 20h30

Há quem diga que Chico Buarque tem sempre uma letra para cada urgência das nossas vidas; que, perante um beco sem saída, está lá sempre um texto a explicar a dimensão do dia-a-dia. Também os Gregos, os antigos diga-se, souberam precizar o nosso presente, tão batido, e mostraram-no, explicaram-no antecipadamente: nada de novo nunca sob o sol. É por isso que a loucura, quando acompanhada de muito humor e ironia, é uma forma de, perante os absurdos da vida, nos tornarmos mais sãos.

A Lua vem da Ásia é um espectáculo de Chico Diaz, a partir do romance homónimo surrealista de Walter Campos de Carvalho (1916-1998), escritor brasileiro. Poder-se-ia dizer que, com hu-

mor, é possível encontrar, neste monólogo, o mundo inteiro, sem excepções.

Sozinho em palco, o encenador e actor Chico Diaz faz-se acompanhar do absurdo do mundo, e tira-lhe o retrato, pela observação intemporal de uma actividade humana, a sua dimensão trágica na relação com o outro.

Hotel de luxo, campo de concentração, manicómio: não se sabe, em concreto, onde é que a personagem habita. E é por este desconforto de uma memória que tem em si o aprisionar do corpo, que é perspectivada a absoluta tragicidade do mundo, sempre absurdo, mas melancólico também. A conclusão a que se chega, então, está nas entrelinhas do texto e na sua encenação: só pode ser salvo

numa dimensão de loucura, que pretende escapar da norma.

Em *A Lua vem da Ásia*, cria-se uma sensação de não-lugar e de mundo inteiro ao mesmo tempo, ao delinear-se uma biografia em forma de diário, que transforma o combate à hipocrisia em infalíveis argumentos de humor negro, numa permanente ambiguidade entre recordação, loucura e alucinação.

A personagem tem liberdade para ser livre, apropriando-se de uma ferramenta vital: a sua forma de expressão, a sua linguagem. E, na falta de uma pertença, de um sentido colectivo, convoca a melancolia, a tristeza, num grito a metamorfosear-se no silêncio trágico da vida, que nos torna vez a vez mais isolados. | **Pedro Barros**

Acesso ao Restaurante

Segundo as normas emitidas pelo Conselho de Ministros de 8 de Julho, "nos municípios de risco elevado e muito elevado, às sextas-feiras a partir das 19h00, ao fim-de-semana e aos feriados, o funcionamento de serviço de refeições no interior dos restaurantes apenas é permitido a clientes portadores de Certificado Digital COVID da União Europeia ou teste negativo". Os menores de 12 anos estão dispensados desta obrigação. Nestes períodos, pedimos aos espectadores que aguardem à porta do Restaurante do TMJB (no segundo andar, acesso pelas escadas ou pelo elevador) para serem por nós encaminhados para o seu lugar.

Espectáculo de Honra 2021

Amanhã, após a última sessão de *Rebota, rebota y en tu cara explota*, na Academia Almadense, será entregue o D. Quixote a Agnés Mateus e Quim Tarrida por terem sido eleitos vencedores no ano passado. O D. Quixote, troféu atribuído ao Espectáculo de Honra, é da autoria de Jorge dos Reis. A votação do Espectáculo de Honra remonta a 1987, na IV edição do Festival. O Teatro Margem foi o primeiro vencedor, com o espectáculo de rua *Toreros, majas y otras zarandajas*, repetindo o espectáculo em 1988.



A mentira mais verdadeira que existe

Miguel Fragata, cofundador, com Inês Barahona, da companhia de teatro Formiga Atómica, foi o convidado de ontem, sexta-feira, no Colóquio na Esplanada, onde, num diálogo animado, esclareceu o público sobre o modo de criação de *Fake*, o seu mais recente espetáculo. Partindo do tema atualíssimo das *Fake News*, esclareceu que durante uma semana, a denominada *Fake Week*, através de várias atividades, desde colóquios a *workshops*, procu-

rou compreender o modo como os conteúdos falsos, difundidos nas redes sociais, eram acriticamente recebidos pelos seus destinatários e de que maneira o teatro, como a mentira mais verdadeira que existe, poderia participar numa reflexão sobre essa nossa facilidade em nos deixarmos enganar.

Revelou ainda que a ideia base de *Fake* – a de uma escritora de policiais que publicou um livro com o sugestivo título *Como assassinar o seu marido*, se torna, mais tarde,



© Luana Santos

quando o seu marido é assassinado, na principal suspeita – partiu de uma história real, ocorrida nos Estados Unidos, que se tornou viral nas redes sociais, sendo notícia de destaque, inclusive, nos jornais de referência, onde citações do livro da escritora eram tidas como prova irrefutável da sua culpa.

Num mundo onde nos querem

convencer que aquilo que mais vende é que é a verdade, Miguel Fragata propõe-nos em *Fake* uma forma de resistência, um alerta contra os facilismos, os preconceitos e a superficialidade. | **Emília Costa**

50 ANOS DE PLATEIA

Honestidade e verdade



© Luana Santos

Maria Emília dos Santos (Milucha)
17 anos de plateia

Na qualidade de espectadora e amiga, há cerca de 17 anos, da Companhia de Teatro de Almada, venho, em meu nome, e dos meus alunos, apresentar o testemunho da qualidade e empenho de todos os membros da Companhia. São 50 anos de dedicação incondicional ao público e à crença de que o Teatro tem uma tarefa peculiar na transformação, no sentir e pensar, de quem o acolhe. O modo como a CTA partilha com o público, que foi conquistando pela honestidade e verdade, os textos, representação, encenação, cenografia, som, imagem, luz, produção, divulgação e todos os intervenientes que possibilitam o espetáculo, foi brilhantemente conseguido. A vontade com que o diretor

artístico da CTA, Rodrigo Francisco, acolheu o extraordinário legado oriundo de Joaquim Benite, dando continuidade, num crescendo de abertura à diversidade e liberdade de escolhas e programação, é trabalho ao qual o espectador reconhece excelência. O Festival de Almada apresenta um dos momentos mais fascinantes no contexto do panorama cultural, destacando-se também a relevância da CTA para o aumento em qualidade e quantidade da paixão pelo Teatro. Acreditou-se no público infantil, jovem e nas restantes idades. Na Escola Secundária de Casquilhos, os alunos anseiam pelas *Idas ao Teatro*. Desejamos continuar, com a CTA, o nosso percurso de descoberta...

Um difícil equilíbrio

O grande e o pequeno (em termos de tamanho, não de ambição), o longe e o próximo, o clássico e o contemporâneo, o convencional e o experimental, a dança e o teatro... O Festival de Almada faz do ecletismo a sua melhor bandeira. Desde que tive notícias dele, há uns anos, pareceu-me muito sugestivo o esforço dos seus gestores para atrair algumas das

apostas mais atraentes do panorama internacional e, ao mesmo tempo, abrir as portas aos mais interessantes criadores portugueses. Um equilíbrio muito difícil de alcançar, uma vez que congrega diversidade e qualidade.

Vejam, por exemplo, a programação desta 38.ª edição do certame e serão capazes de verificar como essa premissa é cumprida. Penso que, de alguma maneira, o teatro tem uma unidade, de Sófocles a Beckett: um corpo vivo em perpétua transformação sem renunciar às suas raízes. O Festival de Almada é um exemplo.



© Marie Baccelar

Felicidades para ele, pelo detalhe tão belo de aproximar o universal à nossa escala humana. | **Juan Ignacio García Garzón, crítico de teatro.** Tradução de Maria Eduarda Wendhausen

AGENDA DE AMANHÃ

15:00 e 20:30
Discurso sobre o filho-da-puta
Teatro-Estúdio António Assunção

15:00 e 20:30
A Lua vem da Ásia
Incrível Almadense

16:00
Rebota rebota y en tu cara explota
Academia Almadense

16:00
O canto do cisne
Sala Principal do TMJB

18:00
Um gajo nunca mais é a mesma coisa
Sala Experimental do TMJB

20:30
Fake
Fórum Romeu Correia

RESTAURANTE DO TEATRO

HOJE
Frango à Moda Marroquina
Maionese de pescada

AMANHÃ
Vitela com passas
Filetes com molho de pickles

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Prof. Egas Moniz • Almada

